

QUARTA-FEIRA
Lisboa - 3 de Dezembro - de 1930

5 TOSTÕES

5.º ANO

237

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre
fixe

semanario
fumorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

Dr.ª D. Irene de Vasconcelos



"Sempre-lixo" sauda calorosamente tão ilustre senhora, eminente embalatriz do amor patrio no estrangeiro.



Os ditos da semana



O Do-X Temos ai o Dornier Do X. Fomos vê-lo voar e amarar e nós que não temos jeito nenhum para morrer, sentimos vontade de subir naquilo e ir por esses ares fóra, ao Brasil, à America, à China, à Lua e a todos os planetas, como quem se mete num taxi para ir a Algés ou a Bemfica.

Vendo-o poisado, tem-se a impressão de que uma bizarra daquelas não é para voar, chega-se mesmo a julgar que, para andar por seu pé e cá por baixo, ainda lhe havia de custar.

Sinceramente confessámos o nosso assombro a um amigo, destes que não se deixam levar por cantigas e que acham sempre mau tudo quanto é alemão e ele poz-se a desfazer. Que aquilo não era nada, que se via perfeitamente que o avião voava com dificuldade, cansado do peito e arquejante como quem acaba de subir uma ladeira. E, para nos abalar na convicção ardente de que o Do-X era a ultima palavra, em aeronautica, atirou-nos com esta que é de esborrachar uma pessoa:

— Olha, aquilo é tão mau, tão mau, tão mausinho mesmo, que, para voar, tiveram de lhe pôr doze motores. Vê lá os outros, os franceses, os nossos, por exemplo, se não voam só com um motor e bem.

Depois disto, diminuíram os nossos entusiasmos. E' que aquele diabo tem uma logica de ferro. E então puzemo-nos a pensar nos pardais, sem motor nenhum nenhum, vejam lá voando airosamente, sem gasolina mas ás vezes com escape-livre, das arvores do Camões para as duas igrejas.

E ficámos na nossa ideia. Voar é para os passaros.

Decididamente, não é ainda desta vez que vamos no bote.

O recenseamento Fez-se o recenseamento. Bem ou mal, está feito. Mas oxalá que esteja mal feito, oxalá que esteja errado para menos.

Estes são os nossos votos, os votos de quem conhece bem a nossa gente e o nosso meio.

Se os numeros veem a publico com exactidão ou com algum erro para mais, estamos perdidos.

Se o merceiro e o sapateiro e o alfalate e a mulher da hortaliça veem a saber quantos milhares de bocas e pés ha

em Lisboa, nunca mais se apanha um repolho por menos de duzentos escudos, nem um par de botas senão por um conto de reis.

Creanças trocadas Causou profunda sensação aquele caso das creanças trocadas no hospital. Mas coisas daquelas acontecem todos os dias e nem sequer veem aos jornais, só com a diferença de que a troca não é feita no hospital.

Ha muita gente que julga que tem um filho e não tem, como ha muitas pessoas que não sabem que são pais e são *de verdade*.

Como se explica o fenomeno?

Trocas, simples trocas, nada mais.

Um amigo nosso, moreno como um turco, tinha um filho, encantadora creança de 3 anos, loiro como os amores, com uns olhos azues, que pareciam dois bocadinhos de ceu liquido.

A mãe era ainda mais mo-

rena do que o pae e o anjinho viera ao mundo com tais predicados de beleza que até dava a impressão de que os pais não tinham metido para ali prego nem estopa.

Então não era evidente que houvera uma troca?

Anuncios Os anuncios são, muitas vezes, desconcertantes. A gente lê e não sabe o que lê. Ainda ha dias o nosso primeiro fornecedor, nos mimoseava com este:

Desejais um bom Pernood?

ide à Cervejaria Inglesa

na Rua Eugenio dos Santos

Nós costumavamos ir ás paragens do Rocio, mas já agora sempre passaremos pela «Cervejaria Inglesa» na primeira oportunidade. Pode ser que apareça alguma coisa de geito. E que ninguem se admire de, numa cervejaria, se en-

contrar um bom Pernood. A's vezes é só questão do ponto de vista onde a gente se coloca.

Já se teem visto reclames mais extraordinarios.

Ha tempos, um jornal americano, reproduzia dois epitafios curiosos de um cemiterio de Nova-York. O primeiro dizia assim:

Aqui jaz, F. de tal, que foi estabelecido com loja de mercearia na rua de tal, n.º tal. A viuva e os filhos continuam com o mesmo ramo de negocio.

E o segundo:

Aqui faz F. de tal que se suicidou com uma pistola «Savage», a melhor e mais eficaz para estes servicos.

Um assiduo leitor, enviarnos o seguinte anuncio, recortado dum jornal da manhã e pede-nos explicação do caso:

Musicos em instrumentos de sopra

Garante-se trabalho a officiais de sapateiro. Quem pretender, dirija-se a Francisco Vieira.— MÉRCEANA.

E' muito simples. Dantes os sapateiros só se apresentavam para tocar rabeção, mas agora, com a carestia da vida, eram capazes de querer tocar qualquer outro instrumento, o que comprometeria gravemente a afinação da banda da Merceana. E vai então o sr. Vieira, garante trabalho de sapateiro aos sapateiros para se vêr livres deles.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto, agora, é por batela.

“Minhas senhoras e meus senhores...”



Oldemiro Cesar — jornalista e literato de alto valor e altas pernas — recitava as condições e apresentava condições de seu verbo verboso. Mas se apresenta na mesa, não recita, porque em Oldemiro nada é “old”: talento, castro, espirito e “relance” é tudo novo em folha.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

Como entramos agora no mês das festas, vamos aqui levantar em verde vama de pinheiro uma árvore de Natal, cheia de bonitos para os nossos artistas. «Nós já não somos crianças» é uma cantata! Somos duas vezes. Gostamos ainda destas coisas, que veem da tradição cristã, paganiçadas pela lenda e pela costumeira popular. A árvore não é muito grande. Deixamos isso a genealogia das famílias aviscandadas, nascidas de costela de sapateiro. Os brindes foram oferecidos pelo comércio lisboeta, mas quem faz a distribuição é cá o «Sempre Fixe». Se quiserem, ofereçam-lhe no fim uma carga de marmeleiro. Não faz mal! Temos seguro de vida.

■ ■ ■

O primeiro a ser contemplado é Carlos Leal. Terá um barquinho para ir ao Brasil, levando ao leme José Loureiro. O barco chama-se *Tournée Carlos Leal*!

■ ■ ■

Aparece depois Aura Abranches, vestida de bebê. A mamã Adelina já lhe ralhou por ela fazer tantas peças. A petiza chorou, mas conformou-se. O seu brinquedo será um remédio para emagrecer dez

quilos, mas só a carne, que o talento não precisa.

■ ■ ■

— Robles Monteiro!
— Presente!

E damos-lhe o teatro Nacional para toda a vida!

■ ■ ■

E' agora a vez de Erico Braga. Este menino como é bonito, tem três brinquedos: um automóvel de luxo, um contrato em Hollywood e um produto capilar garantido.

■ ■ ■

Quarto. Não, quarta: Beatriz Costa. Aparece a rigor, guarnecida de joias preciosas. Dez mil contos de fortuna e uma viagem ao estrangeiro, com passagem por Paris, onde falará novamente com a Mistinguet.

■ ■ ■

Aparece Chaby, gordo, bonacheirão e sceptico. Antes que reclame, damos-lhe um boneco estranhamente parecido com Job.

E' para ser pobre como ele!

■ ■ ■

Ester Leão — um rugido de amor proprio ferido, e com carradas de razão.

Um teatro novinho em folha para ela representar em Lisboa.

Outro teatro, mas que fique longe do de Ester Leão, só para se não verem, para Ilda Stichini.

■ ■ ■

Para Hortense Luz, já regressada do Brasil, trinta travestis, onde ela possa brilhar, além do apelido.

■ ■ ■

Outro. Não o conhecem? Vejam lá bem? E' o Nascimento Fernandes. Para este só a «faluda» do Natal. Seis mil contos para seis meses, se o custo da vida não aumentar.

■ ■ ■

A «Santa Joana», de Bernard Shaw, vai para Amelia Rey Colaço, se ela se benzer três vezes primeiro.

■ ■ ■

Entra Palmira Bastos. O «Manual da Critica» para os criticos saberem o que dizem, mesmo quando não querem escrever tudo o que sabem.

■ ■ ■

Aparece a cantar Adelina Fernandes. Damos-lhe o exclusivo do fado em Portugal e no Brasil.

■ ■ ■

Pequenino, quasi imperceptivel, ha muito tempo que espera, mas vai ser bem recompensado. — Costinha estende a mão para a Arvore

do Natal. Poucos brinquetes restam, mas o melhor ficou para o fim. Presenteamos-lo com o gigante Gulliver.

■ ■ ■

Joaquim de Oliveira recebe o agradecido circumspecto o «Frei Tomate» embalhado, jurando não cair noutra.

■ ■ ■

Recentehgado de Bentarem, atrozadissimo como sempre, já quando a bicha dos meninos se desfez e poucos bonitos ha, surge Rafael Marques.

O caso está bicudo. Não sabemos o que lhe dar.

— O' Rafael, tu o que queres?

— Tudo e nada!

— Isso é difficil... Não temos coisa que te sirva!

— Queres ser contratado?

— Não, porque me descontrato logo!

— Então?

— Já que Deus não me deu sorte, queria o Diabo! Talvez me entenda melhor com ele!

■ ■ ■

O ultimo, que é o primeiro: Alves da Cunha. Chegou tarde e vai com as mãos vazias trabalhar para a provincia. Quem sabe?... Também um dia ha de chegar o seu Natal!

HOMEM DE TODAS AS HORAS

De portas a dentro...



— Se tornas a fazer isso, levas com a boca na mão!
— Estragado! Bem se vê que ela não te custou a ganhar!...



— Calma lá, que nada, há bebado qualmei-me porque meti a ponta do cigarro ao contrario na boca.
— Se o fumas até ao fim, com certeza que ardeas todo!



Cacharolete

A Severa

A Severa, co'o seu fado,
São tantas as vezes, tantas,
Que se tem representado,
Que, só ao celebre Dantas
Muito dinheiro tem dado.

Quantas e quantas empresas
Tenho visto enriquecer
Com suas tristes proesas;
E até nem sei se as marquesas
Acharão que isto é descer...

Ainda recentemente
Houve uma grande toirada
A que foi imensa gente,
E voltou, actualmente,
A Severa a ser falada.

Fez-se uma espera de gado,
Que dizem que em tudo igual
A's que havia no passado,
E fez-se um tasco tal qual
Como o «Colete Encarnado».

No mundo não ha, flizmente,
Muitas mulheres como aquela;;
E é coisa surpreendente
Que ande tanta e tanta gente
A viver á custa dela!...

Confusão explicavel

Diz-me um amigo, a quem sondo
Sobre a vida de Henriqueta:
— «Vem do Conde de Redondo,
E vem quasi em minha recta...»

Junta, ao ver que lhe não escondo
Um pasmo que lhe não escapa:
— «Vem do Conde de Redondo,
Pla... rua Ferreira Lapa...»

JOAO FERNANDES.

--- Caluda!

Repara bem, meu Amór,
no que aos jornalistas diz
o tal alemão doutor
que anda no «Dornier X»...

— «Aqui a bordo, ninguém
pode falar aos jornais,
porque, de contrario, tem
contrariedades fatais.
Mecanico ou comandante,
engenheiro ou maquinista,
passageiro ou tripulante,
ninguém fala ao jornalista.
E se houver um atrevido
que fuja á «consigne» dura,
será logo «despedido»,
... seja qual for a altura!»

Nem quero fantasiar
a sorte dum ser humano
que aos jornais ouse falar
por cima... do Oceano!

O HOMEM DOS TIMBALES.

Epigramas

Tendo uma senhora dado
um beijo em certo sujeito,
por terrível mal de peito
viu-se este logo atacado.

Na conjuntura, o coitado
foi ao medico direito
saber p'ra o caso suspeito
qual o remedio indicado.

Com a experiencia segura
palpando-lhe o coração,
disse o doutor com secura:

—Segundo um velho rifão,
a molestia so tem cura
com peio do mesmo cão...»

Estorcendo-se no leito
em meio de horrivel dor,
certo doente clamava,
bradando pelo doutor.

Acode a familia aflita
e julgando que ele morre,
manda chamar um doutor,
que fresco e lépido aoorre.

Ao vê-lo, desalentado,
«Não é esse (o pobre coitado);
o que eu quero é o doutor
que está debaixo da cama!...

ANTONIO AMARGO.

SEGREDOS DE CONSULTORIO



— Essa saliencia que o sr. tem na testa,
denota um caracter exaltado.

— Sim, sr. dr., mas as minhas exaltações
são todas devidas a minha mulher.

Os milagres da sciencia

Não sei se Vossas Excelencias
conhecem o dr. Fabiano da Costa.
E' um grande especialista de doen-
ças nervosas, tão especialista que
não ha ainda muitos anos, estan-
do eu gravemente enfermo com
uma pneumonia não sei quantas
vezes dupla, ele, com os remedios
que me receitou, conseguiu que eu
me curasse de calculos no figado.

Pois o dr. Fabiano foi este ano
a Paris, em viagem de estudo aos
cabarets, casinos, praias e outros
centros de cultura.

Por acaso, num dos estabeleci-
mentos de ensino acima citados,
encontrou-se o nosso doutor com
o distinto clinico francês, o sr. dr.
Setrat Amorr, e, depois de duas
horas de conversa e três garrafas de
champagne, a conversa calu, co-
mo não podia deixar de ser, em
medicina. Cada um deles tratou
de explicar as curas mais sensa-
cionais que tinha feito. Depois de
muito se elogiarem, o illustre cli-
nico francês lembrou-se de contar
um caso que com ele se tinha pas-
sado e começou:

— Quando eu fui medico mili-
tar, durante a Grande Guerra —
disse tudo isto no mais puro
francês, que eu traduzo para
os leitores compreenderem, — fiz
uma cura que deixou toda a gente
maravilhada. Calcule o meu caro
colega que os inimigos mandaram
uma vez uma bala de tal calibre
que cortou logo a cabeça a um
sargento. Andava o pobre do sar-
gente á procura da cabeça quan-
do eu tive esta ideia terrível: mandei
fazer grude, agarrei a
cabeça, bezuntel-a muito bem com
o grude e colel-a ao pescoço do

sargento. Liguei-a muito bem é
pronto, ficou que até parece im-
possivel.

— E o homem vive? — pergun-
tou com uma incredulidade que
chegava para uma grossa de ateus
o dr. Fabiano.

— Se vive! Vive, é capitão, e até
faz contas de cabeça.

Fabiano esteve pensativo uns
momentos, mas para se não dar
por vencido, resolveu contar um
caso que com ele se tinha passado:

— Ep tambem fui medico do
exercito durante a Grande Guer-
ra, mas foi em Africa, e comigo
sucedeu tambem um caso que eu
vou contar. A um soldado dos
mais valentes que lá havia acon-
teceu que, uma vez, veio uma
bala e zás, leva-lhe o peito. O
homensinho, muito aflito, fartou-
se de gritar e estava resolvido a
morrer em vista da falta que o
peito lhe fazia. Eu mandei pro-
curá-lo, mas não aparecia. Des-
confio até que o peito foi feito pri-
sioneiro pelo inimigo. As pesqui-
zas para o encontrar continua-
ram de noite e dia, mas nada.
Anunciei nos jornais e nem mes-
mo assim. Do peito nunca mais
se soube. Foi então que eu tive
esta ideia salvadora. Mandei ma-
tar uma cabra, tirel-lhe o peito,
ful-me ao soldado e colloque-o no
respectivo lugar.

— E depois? O homem vive? —
perguntou o medico francês com
dois ares de incredulidade.

— Se vive! — respondeu o medico
o dr. Fabiano. — Vive e até já
vinte litros de leite por dia.

FERNANDO D'AVILA.

Elevador da Gloria

Ela: — Pode conceber-se uma
amizade casta entre um homem
e uma mulher?

Ele: — Perfeitamente! Ao fim
de quinze anos de casados!...

* * *

— Qual é a melhor maneira de
descobrir o que uma mulher pensa
de nós?

— Diz lá...

— Casar com ela!

* * *

O medico: — Meu menino, del-
ta a lingua de fóra!

Ele: — Isso é o deitas! Já fiz
isso ao professor e ele puxou-me
logo as orelhas...

* * *

O advogado: — Esconde as tuas
joias!

A mulher: — Porquê?

O advogado: — Porque vem ahí
o gatuno que consegui fazer absol-
ver!

* * *

Entre joalheiros:
— Sei por experiencia propria
que a publicidade dá sempre re-
sultado!

— Ah! Sim?

— Sim! Ontem publiquei um
anuncio pedindo um guarda e esta
noite os gatunos assaltaram-me a
loja...

* * *

Num velho solar:
O criado: — Perdão, sr. conde!
Entrou um gatuno na biblioteca!
O conde: — Ah, sim... e o que
está ele a lêr?...

* * *

Ele — Massadissimo! Preciso dis-
trair-me. Quero alguma coisa que
me excite os nervos!

Ela — Ah, sim! Então lê a conta
da mercearia...

* * *

O patrão: — Você é admitido, mas
tem que estar aqui dia e noite!

O novo empregado: — Sim, se-
nhor! Já estive dez anos no mes-
mo sitio, sem nunca de lá sair.

O patrão: — Então onde foi?
O novo empregado: — Na ca-
deia!

* * *

Entre amigos:
— Não é verdade que sou um
grande massador!

— Não. Sempre te conheci as-
sim...

* * *

Ele: — Resolvi a minha situa-
ção. Vou ser reporter dum jornal
da noite!

Ela: — E que ganhas com isso?

Ele: — Como trabalho de noite,
não necessito de cama, e como
durmo de dia, não necessito de
comer...

A elegancia dos sports



Graça dos outros

No tribunal:
 — O reu assassinou a vítima só para lhe roubar 50 escudos?
 — Confesso, sr. juiz! Cincoenta escudos dum lado, cincoenta escudos do outro...

A mulher: — A nossa nova criada deve ser parenta da antiga...
 O marido: — Porquê?
 A mulher: — Porque também é prima do caixeiro da mercearia...

Entre músicos:
 — Já terminaste a tua canção da *Triste Solicitude*?
 — Não! Depois que a minha namorada me abandonou nunca mais tive inspiração...

No alfaiate:
 — Faça-me quatro pares de calças.
 — Quatro?!
 — Sim, minha mulher comprou agora um cão-polícia...

Entre mendigos:
 — Já disse que não te posso emprestar nada. Só tenho vinte e cinco tostões para comer!
 — Evidentemente! Não é muito! No entanto, dá-os cá!...

— Quando soubeste que ele traia a tua honra conjugal devias tê-lo morto!
 — Estás doido! Eu posso lá matar um homem que me deve trinta contos!

Entre amigos:
 — A tua mulher mata-se a trabalhar!
 — E' verdade! E' pena não ter mais quatro ou cinco como ela!...

No banco:
 — Esta nota de cem mil réis é falsa!
 — E' exactamente por isso que a queria trocar...

No cinema:
 Ela: — Perdão, cavalheiro, o meu chapéu incomoda-o?
 Ele: — Muito. Nem a senhora calcula! Minha mulher quer um exactamente igual!...

O médico: — Se não queres estar doente, compra o manual "Para conservar a saúde", do dr. Jacobus.
 O doente: — Mas o dr. Jacobus sou eu!...

A elegancia dos sports



DR. J. J. MARTINS PEREIRA



Um grande medico e peras; hematologista dos mais distintos alia ao seu belo caracter um espirito sempre moço.

O final duma conquista

Como todo o bom alfacinha, o meu amigo Evaristo empregava o seu tempo disponível á porta dum café, dirigindo ás senhoras que passavam o que de melhor possuía no seu repertório de galanteador profissional.

E como entre cada dez senhoras a quem se diz um galanteio ha pelo menos nove que sorriem e oito que olham para traz, a lista das conquistas diarias do Evaristo avolumava-se duma fôrma assustadora para a sua esposa oficial e para duas amantes extra-oficiais que possuía.

O Evaristo era, em suma, um homem com sorte, como se podia facilmente verificar: jogava na lotaria e saía-lhe o mesmo dinheiro; julgava que a esposa ia ter uma criança e ela tinha duas; escreveu uma peça para o teatro e não o mataram; escreveu um artigo para um jornal e a censura não cortou nada!

Escudado na sua boa estrela, o Evaristo atirava-se de cabeça a todos os negocios e a todas as mulheres, com resultados absolutamente satisfatórios para o seu orgulho desmedido e para a sua altura, que andava por um metro e cincoenta.

Ora no meio da multidão feminina que passa diariamente á porta do café sonda o bom Evaristo instalou o observatorio, brilha intensamente a menina Gabriela, estrela de cinema em perspectiva.

Uma vez investigando as curvas da menina Gabriela, uma verdadeira

tentação moderna, antiga ou contemporânea, coração independente com «aorta» para a escada, uma «beleza de mulher» aqui e em toda a parte. E durante 15 dias, com uma persistencia «evarística», o Evaristo dirigia «piropos» mais ou menos «directos» á menina Gabriela, que os recebia «impávida e serena», quasi a desmentir o poder electrizante e fascinador do nosso conquistador.

«Adeus, linda cara feia!»; «Como serão os anjos do céu, se os da terra são assim!»; «Você tem uma plastica bestial!» — não se cansava de pronunciar o Evaristo á passagem da deusa dos seus sonhos.

Até que ontem caíram por terra as suas ilusões a respeito da esfingica Gabriela, que ao que parece era hipocondriaca hereditaria e neurastenica de nascença.

O caso conta-se em duas palavras:

Estava o Evaristo, como de costume, á porta do café, quando surgiu a donzela na esquina habitual. Vê-la e preparar o «piropo» foi obra dum momento. E quando ella a passar juntinho do nosso herói, o Evaristo atirou á queimadura:

— Eu queria beber-lhe o sangue das velas!

A boca linda da Gabriela entreabriu-se então para pronunciar balzinho:

— Tenho muita pena, mas não pode ser...

— Já passou a hora habitual e o Evaristo saiu hoje não apressado á porta do café...

ANIBAL NAZARE.

Viagem nupcial

a Lisboa

Leonor era uma rapariga de formosura rara. Engordara um pouco depois que Leonel lhe dissera que casariam dali a alguns meses.

Os meses passaram e o casamento realizara-se.

Na viagem de nupcias haviam eles incluído um passeio a Lisboa e, para não alterar o programa, deviam embarcar na cidade de capa e batina á beira-Mondego encostada, por ser a estação que mais proxima ficava da sua aldeia. Dito e feito. Os noivos tomaram o comboio n.º 1169.

Era já noite e o sol, que se havia refugiado por detraz do monte, tinha desaparecido por completo. Por entre as trevas do Chóupal viam-se distintamente dois vultos pequeninos que, com o auxilio de uma lampada electrica, se reconheceram serem o Rouxinol do Mondego e o Passarinho da Ribeira.

E nisto os noivos instalam-se comodamente e o comboio começa a ganhar velocidade. Depois de ter passado numerosos apeadeiros onde ninguém se aueia, chega a Alfarelos. Leonor sente-se um tanto ou quanto enjoada, o que perturba um pouco Leonel, que resolve o enjôo com um cháinho de herva cidreira.

O comboio retoma a marcha; Leonor confessa que vai melhor-sinha e Leonel sente-se mais tranquilo.

Mas novo contratempo se não faz esperar.

A maquina do comboio, talvez por contação, pois que a carruagem dos noivos se lhe seguia, começa a tossir, vomita duas vezes e acaba por declarar a todos os passageiros que não pode andar. Ha quem alvitre um purgante de oleo de ricino. Leonel aconselha um cháinho de herva cidreira, mas por fim assentou-se que uma pinga de agua lhe fazia bem, segundo o conselho do ferrador de Chão de Maças, que ao vêr o estado da enferma pôs de parte o seu infalível processo de queimar uma orelha, por vêr que a maquina já não tinha nenhuma.

Albergaria. Uma enorme mangueira é enfiada na boca da maquina e é então que Leonor e Leonel veem, com grande espanto, o comboio a beber agua.

A maquina não pôde deixar de confessar que se sentia melhor, Leonor idem e Leonel aspas, e, ao passar em Tomar, onde ninguém tomou nada, Leonel surpreendeu sua esposa a fazer uns certos sinais a um cavalheiro todo vestido de branco e só então é que ele compreendeu que ella se despedia de seu pai, alvo de neve, com a sua inseparavel bata de barbeiro. Entroncamento.

Este comboio não demora trinta minutos por chegar um pouco atrasado, pelo que vai já partir.

Leonor declara que tem umas certas dores na barriga e Leonel começa a afinar com a piada. A dor aumenta, o ventre cresce e, por felicidade, na estação de Vale de Figueira entra uma mulher-sinha que ia tambem para Lisboa, assistir ao parto de uma sua comadre que havia enviuvado ha trinta e dois meses, que, ao reparar nos sintomas de Leonor, acaba por dizer que aquilo não era nada de gravidez, mas que era de gravidez.

Leonel ficou passado e, ao passar em Vila Franca, declarou com franqueza que não era ele o pai da criança.

Depois de passar o tunel do Rossio, Leonel havia desaparecido, mas em compensação tinha apparecido um robusto pimpolho, que afinal se veio a revelar ser filho do regedor da Franquia de Albarquega.

ANTONIO LEITAO.

TAC-TAC-TAC

"ELE É BEM MAU..."

-- ou "Espera-lhe pela pancada"

A tradição popular apropria-se, sem o menor sentimento das proporções, dos acontecimentos mais sérios e transforma-os de forma intensa, a tal ponto que varios casos tem havido, eivados de tragedia, que o dianho da fantasia das ruas, a *Musa-às-três-pancadas*, interpreta, á guisa de guiso, soando-o em risos frescos, qual se fôsse motivo de entremés.

Mas o mafarrico do Povo é soberano: e ele lá sabe, origem remota de muitos *Gis-Vicentes* (como a rocha cegueta o é das fontes trovadoras) as razões escondidas, mas de peso, porque o riso ele muda, ás vezes, em choro amarguroso; e, outras, em riso que desfaz o pranto e o luto desses que, dele, insanos, vivem longe.

Assim, ha dias, passeando triste a solitaria (salvo seja!) da minha vida, aqui, por um caminho, em que raro se conta um viajero, ouvi cantar, alacre, um garotinho:

*Ele é bem mau,
Ele é bem mau!
Uma peixeira que morreu
Por comer carapau!*

No comico do seu aspecto e em seu cantar sardonico (comicidade se diz actualmente), a canção despertava alegria maliciosa.

Sorri de ouvi-lo; e, logo, procurei saber donde provinha o ligeiro cantar de sua moda.

Foi a lér os jornais dessa Lisboa (que, na sua beleza, encobre o filtro mortal de tanta maldade) que eu descobri a origem daquela cantiga.

«Uma peixeira (diziam os *orgãos*), tendo comido, com appetite, alguns carapaus, recolhera ao hospital muito aflita, e, ao tempo de abalar para a sala das observações, morrera, sem mais aquelas.»

Ora, como é que de tão lamentavel indigestão derivara o jocoso *refrain*? (preguntei para mim, quasi indignado).

Mas, sem tardança, achei a explicação. Não fora em demasia a *carapausada* absorvida. A vitima tambem não os cosinhara com suspeitos molhos (pimentinha da Baía, ou colerau picante); comêra-os assados na grelha, sem mais conduto que o da propria saliva. (Lembrei-me, até, que não fosse dos peixinhos, mas, sim, do pão; mas parece que o pão já não mata, assim, tão repentinamente...)

O peixe estava pleno de *toxinas*; diga-se, para que o vulgo dos meus ilustrados leitores o compreenda, — estava em estado avançado de prutrefacção; para ser mais claro, — estava o que se chama *pôdre*.

E morreu a peixeira. (Coitadinha!)

Oh, diabos! Mas, então, se a peixeira morreu com o carapau no ventre e o desespero na alma, — porque, assim, em descaravel desden da magoa humana, o vulgo troça deste caso insolito?...

Ah! é porque o Povo (o *Zé-Povo*, o *Zé-Ninguém*, o *Nicas*; o *Trompica-te-sem-pena*; o *Faltd'ar-sem-remedio*...) «toscou a grande maroesca» que o andava a atrapalhar havia muito tempo. O peixe era caro e era pôdre — dizia-se — porque aquelas grandes desvergonhadas peixeiras o faziam caro e o vendiam pôdre.

Vai, senão quando, uma peixeira morre por ter engulido o peixe, que vendia... E o *Zé-Trincas* exultou com a descoberta. Então, afinal, as peixeiras não vendem o peixe, sabendo que está pôdre; porque, se o soubessem, não o comeriam...

«*Ele é bem mau!*», neste caso, representa o *Eureka!* de Arquimedes. Quer dizer: «já sei tudo»; ou, melhor, «já vi tudo!»

Quem o vende pôdre é o negociante da lota, que o guarda para o encarecer, nas barbas rapadas (e, como tal, sem vergonha, no dizer do Ditado) das autoridades que, para fiscalizar, usam os binoculos ao contrario.

Foi o *Zé*, de deducção em deducção, até que compôs a canção. Ora, concluindo:

*Ele é bem mau,
Ele é bem mau!
Uma peixeira que morreu
Por comer carapau!*

E' o mesmo que dizer:

*Eu já vi tudo,
Burguês pançado,
Filho de loba,
Tu és quem roubas,
E, alma de huena,
Nas envenenas!*

Outrem conheço eu, porém, que dá diversa interpretação á trova popular do «*Carapau, ele é bem mau...*». E' o meu presado amigo Esdruxulo da Moita. Segundo ele, aquilo é uma tradução libérrima (no genero das que fazem agora os nossos originaes autores dramaticos) do historico:

«*Ça ira, ça ira!*»

Ou (pão, pão; queijo, queijo): «São os negociantes da pesca que hão de ser pendurados nos caudeiros».

Eu confesso que não vou assim tão longe... Acho muito sufficiente que os exportem, em ceiras, para a Italia, com a marca legal a fogo:

«*Anti-fascista*»

Que o Mussolini chama-lhes «*um figo*».

CIRANO DE VELHOFRAC.



Com tão interessantes Concursos a NESTLÉ ainda consegue substituir em Portugal o bacalhau por Chocolates!

O medo dos homens...

A D. Fogaça, quarentona pretençiosa, que frequentava assiduamente os salsifres da família Pinto, tinha, segundo dizia, um medo grande aos homens.

E, ou fôsse por experiencia propria, acompanhada do receio da reincidencia, ou pelo horror do desconhecido, o que é certo é que a D. Fogaça se gabava constantemente da auréola que esse seu receio creára ao redor do seu nome honrado.

Procurava, porém, para tais expansões, os momentos em que se não achava presente mademoiselle Pinto, filha do dono da casa, dezasete anos azougados e trocistas, que não perdiam nenhuma ocasião de se manifestar com piadas «irritantes», no dizer de D. Fogaça, acompanhadas em côro por gargalhadas sonoras dos assistentes.

E a D. Fogaça, que para agradar aos donos da casa tinha sempre que achar muita graça á pequena, detestava-a intimamente, esperando, para se pagar na mesma moeda, uma ocasião a que a intelligencia de mademoiselle Pinto nunca dava lugar.

Houve na passada quarta-feira mais uma festa intima em casa da família Pinto.

E mais uma vez, num grupo de solteironas como ela, D. Fogaça dava largas ao seu odio aos homens.

E tão entusiasmada estava nesta caridosa missão que nem reparou que mademoiselle Pinto se acercara do grupo e a escutava interessadissima.

E quando D. Fogaça, mais que fogaça, gritava orgulhosamente:

—Quando vejo um homem de noite, numa rua escura, deito logo a correr», a vizinha irritante de mademoiselle Pinto, perguntou:— «E nunca conseguiu apanhar nenhum?»

Silva Tavares



“O livro do nosso amor”

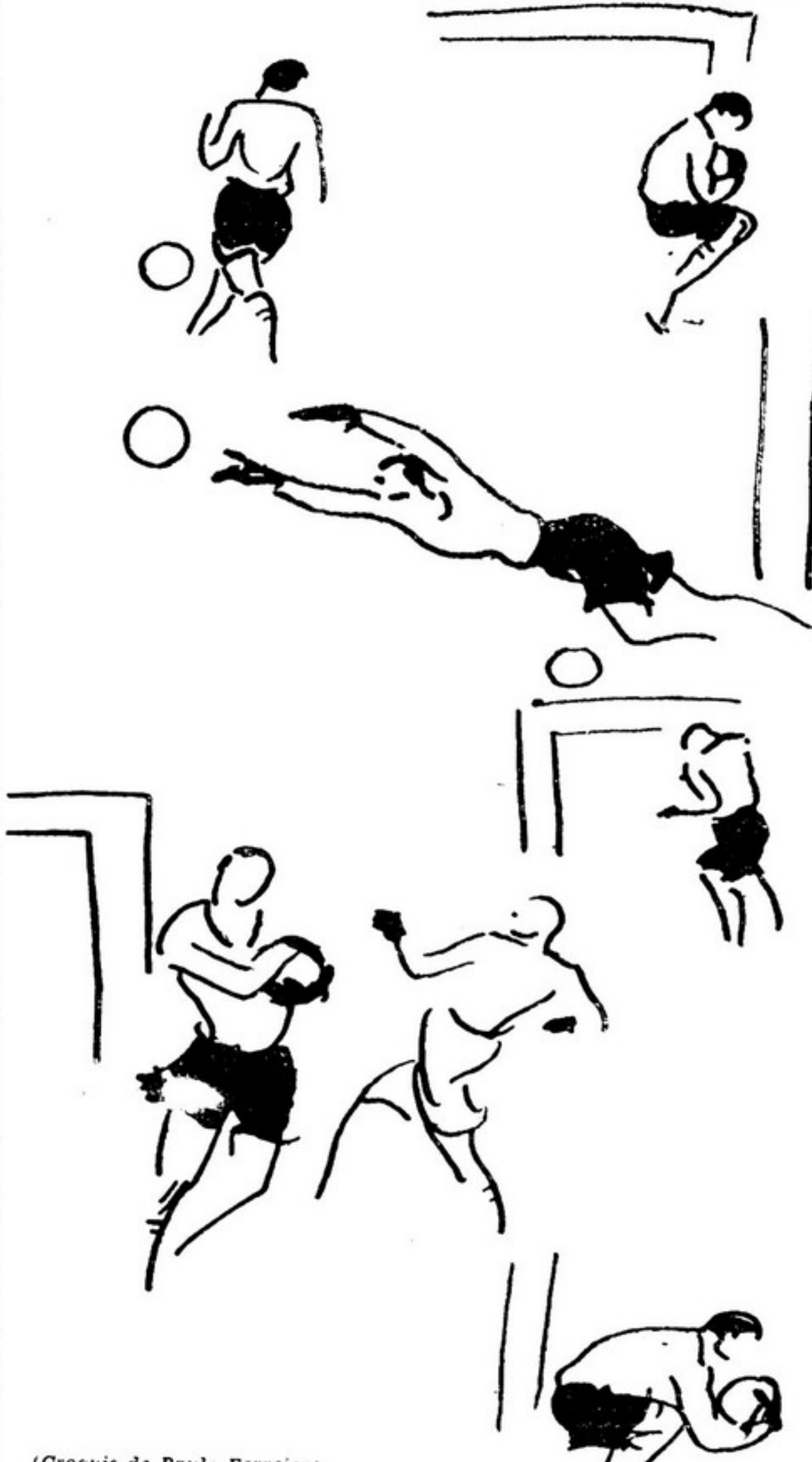
Foi posto á venda alcançando grande successo

Vende-se em todas as livrarias

Pedidos á administração do “Diário da Manhã”, Rua de Nossa, 57, 2.º

DESSPORTOS

O PORTUGAL-ESPANHA NO PORTO



(Croquis de Paulo Ferreira)

Ainda não foi desta!

Sola sapato sei rainha!
 Ai mas que santa terrinha
 Que nunca se viu tão cheia,
 O Porto tem a ideia
 Que aumentou de comprimento,
 De largura, de espessura,
 Sem se lembrar um momento
 Que aquilo, nem sempre dura.
 Chegam carros apinhados,
 Os hotéis a transbordar,
 Os policiaes sinaleiros
 Andam tão apalermados,
 Que já nem mandam andar
 Os carros de passageiros
 De Vigo, Tuy, Pontevedra
 Até do Senhor da Pedra
 Chegam carradas de povo,
 O Ameal é um ovo,
 Cheicinho até á caaca
 Eu proprio vejo-me á rasca
 Para chegar até lá
 E se não for, é vertice
 Que a equipa portuguesa
 Não é de coacraes.
 Eu não ia ver a bola.

Mas assim vou. Tenho em fogo
 A minha formosa tola,
 Ides senhores, ver o jogo,
 Puni catapum pentapé
 De aqui dali da colli,
 A bola nem sempre está
 Aonde devia estar,
 Os nossos são mais traquinhos
 E deixam-se dominar
 Pelo jogo dos vizinhos,
 Mas depois a alma luza
 A derrota não acusa.
 Um a zero não é nada
 E a nossa rapaziada
 Quer empatar, pelo menos.
 Coitaditos dos pequenos!
 Pra a outra vez há-de ser
 Nada de desanimar
 E mais na grande maneira.
 Não se esqueçam de rezar
 A' senhora da leiteira.

Prosa de Cha-Velho

Anda para ali uma coisa a que chamam a Cadeia da Boa Sorte ou Boa Fortuna e que está a pedir a «cadeia» ou, á mingua dela, ser tratada em prosa de cha velho, isto é, á bruta.

E' o caso que certos maduros, fraquinhos da cabeça até ao ponto de acreditarem na boa ou má fortuna que duma leria pode resultar, insistem em nos massar com um papelinho que nós teriamos que copiar nove vezes para, por nossa vez, massarmos outros nove amigos, que o mesmo fariam, e assim até ao infinito em estúpida bola de neve que apenas ao consumo de papel e selos pode interessar.

Para enganar os tólos promete o papelinho papas e bolos, afirmando que um tal senhor ganhou duzentas mil libras na lotaria, que o senhor Sachá Guilty recebeu duzentos e cincoenta mil dolares com as suas comedias e a sr.ª Pola Negri apanhou um marido principesco, tudo isto por obra e graças do papelinho. E, para assustar os mesmos tólos, diz que, a quem tal tomar por brincadeira, acontecerá o mesmo que a um sr. Wallace, que viu a sua casa destruída, ou que a um outro senhor que perdeu a sua filha.

Isto das ameaças é o mais odioso do papelinho, mas, como nós não temos filhas nem casa propria, aqui declaramos publicamente ter rasgado o papelinho recebido, após a indispensavel leitura para este protesto.

E seja o que Deus quiser, porque só de Deus podem vir castigos ou beneficios.

Mas, para que os dois amigos que me endossaram o papelinho não se fiquem a rir, aqui declaramos que, segundo o referido papelinho, foram estes os actores Henrique Alves e Alfredo Ruas.

PEREZ LA CHAISE.

P. S.— Tambem o Fixe acaba de receber um dos tais papelinhos, endossados por um seu indesejavel leitor que se chama Carlos Santana. Quem será este valente Santana?



ZAMORA assistindo ao desafio

Quereis dinheiro?

Jogai no



Rua do Amparo, 51 — LISBOA
 Sempre sortes grandes

O proximo numero do



saí amanhã
 com 12 paginas

ECOS DA SEMANA

CONSTA EM LONDRES QUE A RE PERDEU A PROA PELO QUE EM BREVE IRA' POR AGUA ABAIXO.



WATER

A ORQUESTRA DE MADRID TAMBEM ME TEU AS NOSSAS VARIOS "GOALS" A ZERO



VÊ-SE QUE AINDA NÃO É O "DORNIER CRI" DA AVIAÇÃO

(PARA ARRELIAR O ERICO)



DEPOIS

OS QUE QUERIAM SUBIR ANTES DE ARDER A ASA

TITO SCHIPA, NÃO É NADA SCHIPATICO NEM PARA NOVAS NENVELHAS, E FEZ O GOSTINHO AOS AMIGOS DA MUSICA LIGEIRA E DA PEZADA... A PEZO DE OIRO.



A TERRA TREME, YOMITA FOGO, AGUA A ESCALDAR, VULCÕES, GUERRAS... TEMOS DE MUDAR DE PLANETA QUE ISTO É JA' O IN FERNO.



QUANDO TEREMOS UMA ORQUESTRA SIM?... SIM?... SIM... SINDICATA DE LISBOA 2, 2, 2 COM TANTO MUSICO SEM TRABALHO !!!



ATRIBULAÇÕES DUM CHEFE DE FAMILIA NA NOITE DE '30 E QUE FICA COM SENSO A NAS ECENSO A MENOS

